

aos interesses colectivos o domínio absoluto dos baixos apetites e das sórdidas ambições. Digam-nos os agricultores que não lavram, os comerciantes que espoliam, os especuladores que fazem o jôgo dos câmbios, os industriais que colocam os seus fundos no estrangeiro, os jornalistas que se enfeudam aos grupos bancários, digam-nos todos eles, com a mão na consciência, qual dêles pode atirar aos amotinados das revoluções a primeira pedra. Chamar apenas revolução, desordem, anarquia às explosões violentas do ódio, é uma limitação ilegítima do significado das palavras. Uma sociedade em que o egoísmo não tem freio, em que se perdeu o sentido dos interesses vitais da colectividade, em que todos contribuem para desatar cada vez mais os vínculos sociais, é uma sociedade em estado permanente de insurreição, não já contra tal ou tal govêrno, mas contra os próprios fundamentos de toda a espécie de sociedade. E' essa a peor das revoluções, porque é ela que ataca directamente, dilacera e destroi as fibras todas do organismo social. De facto, não é a política do Estado, mas toda a vida da nação que está errada.

A Seara Nova reconhece desde o seu primeiro número êstes êrros e vícios fatais da vida colectiva, que nos levam à franca liquidação. Mas não esperou, não espera, nem esperará nunca dar-lhes remédio com os elixires illusórios das revoluções. Somos contrários aos movimentos revolucionários, em primeiro lugar, porque somos democratas de convicção, e por princípio nenhum queremos impôr ao país métodos e planos governativos de cuja benemerência e eficácia êle não esteja convencido. Sentimo-nos com pouca vocação para Giraldo sem Pavor, tomando por escalada nocturna as repartições do Terreiro do Paço.—Somos, em segundo lugar, contra os processos revolucionários, porque sabemos que não há reformas possíveis sem um fulcro poderoso numa parte considerável da opinião pública. Nenhum govêrno se pode firmar nas espadas se não se firma primeiro nos espiritos. Viu-se com as juntas militares, viu-se com o 19 de Outubro. Tinham todos os elementos de força: faltava-lhes apenas o imponderável. E o imponderável é ainda o que pesa mais na existência longa ou efêmera dos movimentos políticos.—E poderíamos dizer ainda que somos contra os movimentos revolucionários, porque não sonhamos com salvação à Mussolini, com visões de mágica e palácios encantados de miragens. Os fundadores da Seara Nova começaram por pôr, logo desde o primeiro número desta revista, a hipótese das soluções a longo praso. Sabem que o govêrno nacional que urge constituir não poderá fazer outra coisa senão pôr os termos do problema e preparar uma gera-

ção que possa arcar com as responsabilidades da independência duma pátria. Quasi todos nós ligamos ao problema da educação a importância suprema. Porque bem analisadas as coisas, sempre se vem a confessar que, no fundo, o maior mal que existe, e de que todos os outros derivam, reside na própria qualidade do homem. «Nada de isto de vida nova—escreve no Lázaro o sr. Ezequiel de Campos—se pode fazer sem remodelar a mentalidade do escol português». Toda a verdadeira salvação é impossível sem a resolução dessa questão prévia, mesmo quando se nos apresentem os planos mais concretos e aparentemente mais realistas de governação. Até lá podemos dizer dêsses planos que quanto mais concretos mais quiméricos.

A salvação nacional tem, pois, de ser, pela irremissível fatalidade das coisas, uma obra necessariamente lenta. A isso temos de nos resignar, se não nos queremos abandonar aos jogos de cegueira política, ou renunciar pura e simplesmente à felicidade, pelo simples motivo de a não podermos disfrutar imediatamente—duas atitudes igualmente irracionais e anti-humanas. A salvação nacional exige um máximo e um mínimo de scepticismo: nem a confiança absoluta nem o desespero mortal. Ora esta modesta e paciente atitude é incompatível com a mentalidade dos «salvadores». Que nisto de salvadores, já descemos aos garotos de monoculo.

Que cómicas ou trágicas surpresas nos reservará ainda o destino?—R. P.

O ensino religioso

Creemos ser inútil dizer ao leitor que não somos católicos (v. o nosso artigo num dos últimos números da Seara, sobre O Problema Religioso). Somos profundamente e indefectivelmente ateus. Casámos só civilmente e só civilmente registámos os nossos filhos—ao contrário de muito ateu furibundo que desejaria ver os padres a assar nas fogueiras. Creemos mesmo que grande parte do recrudescimento católico que para aí vai se deve atribuir a lamecha sensiblerie ou a um snobismo sem convicções. Isso não nos impede, porém, de praticarmos a maior tolerância para com os que pensam diferentemente de nós. A tanto nos obriga a nossa fé republicana. Pomos no mesmo nível a intolerância dum Fernando de Sousa e a dos sócios do Registo Civil. E somos compelidos a dizer que, sendo implacáveis adversários dum, não nos podemos considerar como correligionários dos outros.

... Donde se deduz à evidência que damos a nossa inteira adesão á proposta de Leonardo Coimbra sobre o ensino religioso.—R. P.